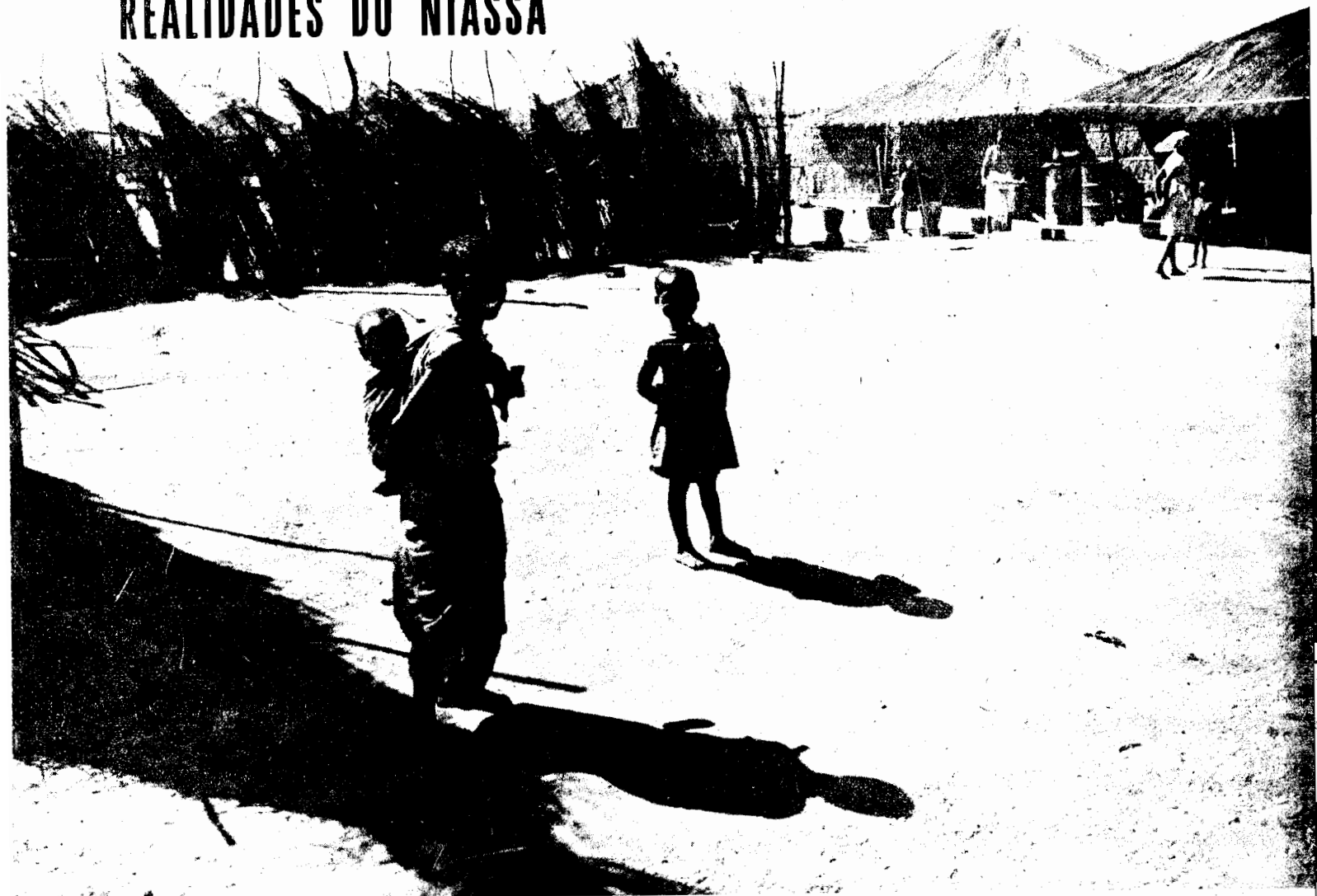


## REALIDADES DO NIASSA



# LUSSANHANDO E OUA: Os camponeses conquistam

*Situada no norte do país, com grandes extensões florestais onde não existe população, com uma exígua rede de estradas e cortada em todas as direcções por picadas difíceis ou mesmo intransitáveis na época chuvosa (e as chuvas do Niassa são da mais intensa do país) esta província é, de longe, aquela que mais dificuldades sofre. Sendo a maior extensão e, potencialmente a mais rica em agricultura — feijão, batata, girassol, arroz, horticultura, etc. — é aquela onde as infra-estruturas de apoio montada pelo regime colonial são tão reduzidas que, a juntar à falta de estradas, não existe nenhuma fábrica, nenhuma indústria transformadora. A única excepção são três fábricas de cerâmica — duas nos arredores da cidade de Lichinga, uma em Cuamba — e também algumas serrações.*

Esta província é um desafio à nossa capacidade de realização. As suas riquezas — que não são apenas agrícolas pois incluem também a riqueza mineralógica — estão, por assim dizer, num estado virgem à espera de serem arrancadas à terra através do esforço organizado.

Um desses esforços organizados converge para a formação das aldeias comunais, única forma de se vencerem as dificuldades de toda a ordem de que sofrem as po-



*Formenhor da Aldeia Comunal de Lussanhando.*

# o futuro

pulações camponesas. Neste texto, o primeiro da série «Realidades do Niassa», iremos, pois, falar de duas aldeias comunais da província, mais concretamente, do distrito de Lichinga — que tem uma extensão aproximadamente igual à da Província de Maputo.

OUA:  
CONSOLIDAÇÃO

Salimo Ngopole, um dos setenta e seis camponeses da aldeia co-

munal OUA situada a cerca de vinte e quatro quilómetros a sul da cidade de Lichinga (e mais quatro quilómetros da sua via de escoamento) dizia numa reunião com os membros da comissão distrital de aldeias comunais:

*— Aceitamos a construção das casas porque desde há muito que estamos organizados e prontos para erguer a nossa aldeia. Alguns falam da dificuldade que teremos na construção de casas. Na*

## Do nosso correspondente Nelson Kapuri

*verdade antigamente a gente olhava para o tempo (época do ano) e víamos se era ou não altura para construção de casas. Essa vida já passou. Antigamente o trabalho era individual. Hoje trabalhamos colectivamente pelo que apesar do atraso no início da construção podemos vencer.*

Frequentemente aplaudido pelos restantes habitantes da aldeia aquele camponês continuou:

*— Foi dito que a Aldeia OUA devia contar com as próprias forças. Mas no caso concreto do transporte de estacas e bambus não podemos contar só com as nossas forças. Falta-nos o carro para irmos buscar as estacas além das montanhas.*

Este camponês tocou, assim, num dos pontos fracos da província pois a falta de transportes é um condicionalismo que limita a acção de todos os sectores de actividade. Os poucos carros e camiões existentes têm de ser racionalizados e poucos são os que aprovam no exame de técnica que é rodar nas picadas do Niassa. Mas no caso de que falámos o camião irá ser mobilizado para o transporte de estacas e bambus destinados à construção das ca-

sas definitivas da Aldeia Comunal OUA que, presentemente, tem apenas casas provisórias.

O que nos impressionou nesta aldeia foi o grau de mobilização dos seus habitantes. (76 famílias) são poucos, mas certamente, irão aumentar de número com o decorrer dos meses. Quando lá chegamos já eles estavam organizadamente à espera da visita dos responsáveis distritais e entoavam canções. Ali, os velhos organizam periodicamente sessões culturais de canto e dança enquanto que as crianças têm essas actividades diariamente porque lá existe uma escola primária. É este o segredo da qualidade das canções entoadas. Durante a reunião aquele que quer falar levanta-se e os outros



*Aspecto da machamba da Aldeia Comunal de Lussanhando: o futuro brilhante parte também daqui.*

escutam e, quando a intervenção é feliz, aplaudem.

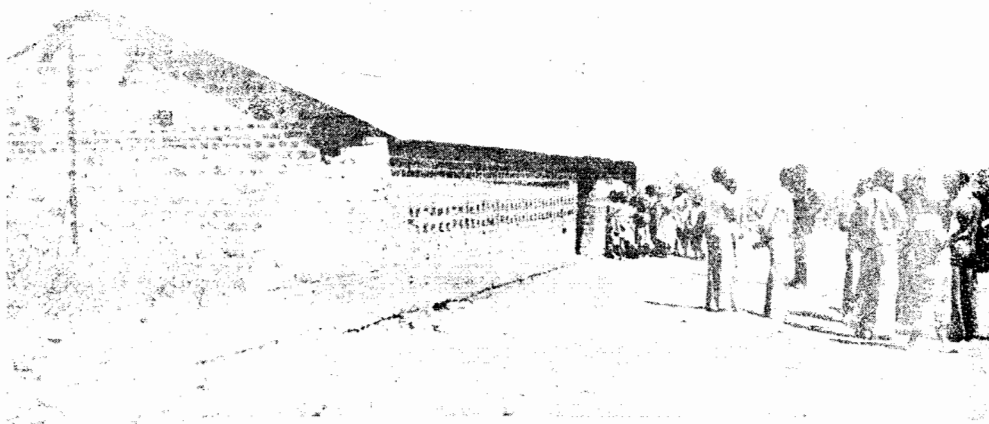
Sente-se que existe uma só luta de ideias na aldeia comunal OUA. A intervenção do camponês Salimo Ngopole, de que nos referimos atrás, serviu para rebater a linha de pensamento defendida por outro camponês, Ntewa Ide, que apresentara dificuldades à mobilização feita pelos responsáveis distritais quando estes apelaram para o início da construção de casas definitivas. Alegou ele que «no ano passado, durante o corte de paus e bambus, fomos apoiados por um camião e começámos cedo a construção. Apesar de as casas serem pequenas demoraram até à época chuvosa a acabar. Agora vamos começar quase na época chuvosa e, ainda por cima, temos muitas outras coisas para fazer».

Por aqui se poderá imaginar o impacto das palavras de Salimo e porque foi ele frequentemente aplaudido. Consciente de que alguns apoiavam Ntewa Ide, mas que se calavam não dando a sua opinião, ele finalizaria a sua alocução dizendo que «há companheiros que quando estão aqui os responsáveis não apresentam as suas dúvidas. Depois quando os responsáveis se vão é que começam a falar. Achamos isso mal».

É este o clima humano saudável da Aldeia Comunal OUA onde vimos crianças (algumas, naturalmente, subalimentadas) alegres e a brincarem satisfeitas, alheias à reunião dos adultos que, no fim ao cabo, discutiam o seu futuro. Aquela será uma das primeiras gerações moçambicanas a crescer no campo fora das malhas da superstição, obscurantismo e ignorância.

#### PARA ALÉM DO PROFESSOR UM AGENTE POLIVALENTE

Esta reunião com os camponeses da Aldeia Comunal OUA terminou com a apresentação, feita pelo responsável distrital da saúde e de um agente polivalente. Trata-se de Zacarias Saide, formado na província do Niassa. Um agente polivalente é um trabalhador-militante da saúde que recebe uma formação básica sobre higiene e sobre o saneamento do



O edifício  
que  
actualmente  
serve de  
escola da  
Aldeia  
Comunal  
de  
Lussanhando  
e os alunos  
no seu  
interior



meio ambiente e de como socorrer pequenas doenças. Terminado o curso ele vai trabalhar junto do povo, neste caso numa aldeia comunal. Come do que o povo come, dorme na aldeia, nas casas do povo. Na primeira fase do seu trabalho não tem vencimento. É um novo tipo de trabalhador-militante e a sua tarefa, como se pode ver, não é fácil apesar de fascinante. Muitos desistem nos cursos dos agentes polivalentes à medida que vão sabendo qual o trabalho que os espera e em que condições é feito.

Portanto, para além do professor da escola primária, a Aldeia Comunal OUA conta com um difusor da saúde e higiene.

Estas são duas pequenas conquistas alcançadas graças à organização daqueles camponeses. Os seus filhos não serão mais analfabetos. Essas crianças representam um ponto de ruptura com um passado secular de obscurantismo e ignorância. Por isso quando classificamos a presença de um professor primário na aldeia comunal e também a presença de um agente polivalente como «pequenas» conquistas pecamos por defeito. Na verdade trata-se de conquistas gigantescas.

#### LUSSANHANDO:

«AQUI NUNCA FALTA TRABALHO»

«Aqui nunca falta trabalho» foi a expressão proferida por Momad Said, Secretário da Célula do Partido na aldeia comunal de Lussanhando. Não era a primeira vez que íamos àquela aldeia. Só que das outras vezes havia reunião e desta vez nenhuma reunião havia. Por isso, àquela hora da manhã, a aldeia só tinha crianças de poucos anos e outras de idade escolar atarefadas na construção de uma latrina próxima do edifício provisório que lhes serve de escola. Este edifício foi um antigo curral de bois de um colono e agora é sala de aulas onde dois professores primários leccionam até à terceira classe a um total de 120 alunos. Os adultos estavam atarefados nas actividades das machambas e da horta.

Com um grau de organização política muito inferior ao da aldeia comunal OUA, a aldeia de Lussanhando tem, no entanto, realizações materiais mais espectaculares. Nela vivem 200 famílias que dentro em breve irão iniciar a construção de casas definitivas. Tem uma cooperativa de consumo

com 170 cooperativistas que, quase todos, frequentam aulas de alfabetização. Vai ter uma moagem e, para tal, o dinheiro já foi entregue e só falta vir essa máquina simples mas tão fundamental na vida das populações camponesas pois é com ela que preparam a farinha de milho e de mapira — base de alimentação por enquanto.

Esta aldeia ganhou o nome de um rio (água corrente todo o ano) que passa a três minutos de descida a pé. No entanto não é a água desse rio que a população bebe. Ela bebe a água de dois poços munidos de bombas de mão montados pelos serviços de águas da província.

### UM ALDEIA COM UM FUTURO BRILHANTE

Quando certos aspectos de organização forem limados em Lussanhando ela passará a ter um futuro brilhante. Porque a organização é sempre fundamental. Por exemplo os camponeses puseram na aldeia uma mesquita sem conhecimento das estruturas distritais. Agora é necessário explicar-lhes que aldeia comunal e mesquita não combina. Nas reuniões são um tanto ou quanto indisciplinados pois se algum tem algo para dizer não faz cerimónia em interromper o responsável para dizer o que tem para dizer e é preciso explicar, mais uma vez, que cada um tem a sua vez de falar. Mas isto tem a sua explicação. Uma boa parte dos camponeses desta aldeia veio de um antigo aldeamento. Outra do Malawi para onde se refugiara devido à guerra. Esta é também a mesma situação da aldeia OUA. Só que os habitantes desta aldeia foram dos primeiros a regressar, logo após a independência, e já tiveram tempo de beber do «espírito» da FRELIMO. Por outro lado na OUA os camponeses são relativamente poucos. Enquadrar 200 famílias da Lussanhando é uma tarefa pesada que as estruturas distritais de Lichinga (é como dissemos neste distrito que se situa a aldeia, a 16 quilómetros da cidade) se propuseram com apoio do governo provincial.

Tirando estes aspectos, na verdade transitórios, a aldeia tem um futuro brilhante. Está situada numa belíssima zona agrícola

com estrada alcatroada a cerca de seis quilómetros. Para além do rio Lussanhando tem um riacho que nasce dentro da área da zona de produção e, por isso, aproveitado para a rega de uma horta de cinco hectares. A rega é feita por gravidade (sem utilização de moto-bomba) e foi um técnico cubano que ensinou aos camponeses esse modo económico de fazer regas. Quer o rio, quer o riacho podem ser representados.

Uma das histórias mais lindas de Lussanhando é a do pequeno posto de socorros que lá existe. Quem faz os curativos é um camponês escolhido pelos próprios habitantes e que frequentou um curso de cerca de um ano no hospital provincial.

Agora, ao seu lado, está Omar Saide, um agente polivalente colocado naquela aldeia para desenvolver trabalho. Dentro de algum tempo será montado lá um posto médico de características mais evoluídas que o actual e que, aliás, terá a planta igual à que a Saúde, a nível nacional, projectou para as aldeias.

Lussanhando é uma aldeia com muito futuro, na verdade. *«Fui eu que escolhi este local»* diz-nos orgulhoso o Secretário que já esteve na Bulgária, no ano passado, para fazer visitas a cooperativas agro-industriais daquele país socialista juntamente com mais 14 camponeses, uns de Niassa, outros das demais províncias moçambicanas.

### QUE ERA LUSSANHANDO

Era um pequeno colonato com 17 famílias espalhadas pelo pequeno vale, casas de alvenarias e



Salimo Ngopole: *«Aceitamos a construção das casas porque desde há muito que estamos organizados e prontos para erguer a nossa aldeia»*

apoio do governo colonial. O curral de um desses colonos serve de escola, como dissemos, enquanto se aguarda a construção de uma escola definitiva. Uma casa serve de posto médico; noutra será montado a moageira e noutra ainda funciona a cooperativa de consumo. Quer dizer, essas casas foram aproveitadas para realizações infra-estruturas enquanto a aldeia, de pau a pique, cresce.

Um colonato no Niassa? Sim. Frequentemente o Niassa é uma província esquecida. Fala-se, por exemplo, da operação «Nó Górdio» que foi, de facto uma operação gigantista e, pretensamente de eliminação definitiva da FRELIMO, mas não se fala das várias operações que, na mesma época, foram levadas a cabo no Niassa, uma das quais a operação «Jibóia». Fala-se dos colonos que iam ser postos no vale do Zambeze mas não se fala dos colonos que estavam já a ser colocados no Niassa. Compreende-se. É uma questão de dimensão política ou militar. Mas os grandes e pequenos factos é que fazem a história. É uma grande e importante parte da nossa história passada pelo Niassa.

### PRODUÇÃO DA OUA E LUSSANHANDO

Para terminar este trabalho podemos informar que existem na Aldeia Comunal OUA oitenta cabeças de gado e que esta aldeia fez cento e cinquenta contos na venda dos produtos agrícolas da última campanha. Na sua machamba de cento e cinquenta hectares cultivou milho, girassol, feijão jugo, soja e grão de bico. Na horta produziu couve, alface, cebola, tomate, cenoura.

Na presente campanha andam os camponeses de Lussanhando a apanhar milho de trinta hectares, a debulhar girassol de quarenta e seis hectares e feijão de dez hectares.

Muitas coisas estão mudando para aqueles camponeses que já discutem problemas, para troca de experiências. Camponeses da OUA vão a Lussanhando discutir e vice-versa. Esta última forneceu jovens para as Forças Populares após o recenseamento recentemente realizado. É assim que ela deu um importante contributo na defesa do Poder Popular.